

A Consciência Lendária-Identitária na literatura brasileira do século XIX, XX e XXI: Um contraponto entre as obras Memórias de Um Sargento de Milícias, Triste Fim de Policarpo Quaresma e o Filme O Agente Secreto no contexto social do Brasil

*Legendary-Identity Consciousness in 19th, 20th, and 21st Century Brazilian Literature: A Counterpoint Between the Works *Memórias de Um Sargento de Milícias*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, and the Film *O Agente Secreto* in the Social Context of Brazil*

5

João Flôres Alkmim¹

Resumo

Este ensaio pretende abordar a complexidade das relações sociais e identitárias no Brasil a partir da análise de duas obras literárias, bem marcadas em suas respectivas épocas, por fornecerem os elementos sociológicos, psicossociais e antropológicos que nos ajuda a entender o conceito de "Consciência Lendária-Identitária" e suas implicações sociais no Brasil de forma atemporal e continua. Em nossa interpretação o Filme "O Agente Secreto"- obra audiovisual (Roteiro) - será tratado como amálgama dessa atemporalidade e narrativa que nos persegue ao longo da nossa história em uma eterna repetição de fatos que, de modo recorrente, são apagados de nossa memória histórica e social. A arte e, principalmente, a literatura em uma perspectiva de registro de mentalidades, será o fio condutor de nosso estudo interpretativo sobre a realidade brasileira.

Palavras-chave: "Consciência Lendária-Identitária"; "O Agente Secreto"; realidade brasileira.

¹ Historiador e professor, graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Pós-Graduado em metodologia do ensino pela Universidade Estadual de Minas Gerais -UEMG. Atua na área de Educação, Turismo, Cultura e Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. Ocupou diversos cargos na Administração Pública, como: Diretor de Escola da Rede Municipal de Ensino de Betim-MG; Secretário Adjunto de Educação de Betim-MG; Coordenador de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais; Secretário de Cultura e Turismo em Santa Luzia-MG; Coordenador de Políticas Culturais na Fundação Cultural do Município de Contagem-MG; Diretor de Políticas Culturais da Secretaria de Cultura, Esporte e Juventude de Contagem-MG; Conselheiro em diversos conselhos de educação, turismo e patrimônio histórico (artístico e cultural) em Minas Gerais. Autor do Livro: Gestão Pedagógica -Novo Paradigma para a Avaliação. Publicado em 2007. Livro este usado como bibliografia básica no Curso de Pedagogia da UEMG

Abstract

This article aims to address the complexity of social and identity relations in Brazil through the analysis of two literary works, distinctly marked in their respective eras, for providing the sociological, psychosocial, and anthropological elements that help us understand the concept of "Legendary-Identity Consciousness" and its timeless and continuous social implications in Brazil. In our interpretation, the film "The Secret Agent"—an audiovisual work (screenplay)—will be treated as an amalgam of this timelessness and narrative that has haunted us throughout our history in an eternal repetition of facts that are recurrently erased from our historical and social memory. Art, and especially literature, from a perspective of recording mentalities, will be the guiding thread of our interpretative study of Brazilian reality.

Keywords: "Legendary-Identity Consciousness"; "The Secret Agent"; Brazilian reality.

Introdução

Neste ensaio, exploraremos a consciência em uma perspectiva social e psicossocial, como uma unidade simbólica que amálgama as várias consciências individuais em uma consciência maior de pertencimento e de identidade coletiva que formam e une os indivíduos aos seus segmentos sociais, culturais e nacionais que daremos o nome conceitual de Consciência Lendária-Identitária.

Esse conceito foi trabalhado de forma mais detalhada no ensaio, "Semana de Arte Moderna e a obra Macunaíma na construção e consolidação da identidade brasileira," publicado na Revista Científica Scias Arte e Educação em julho de 2022. Mormente, no presente ensaio, vamos fazer uma abordagem mais específica, em relação a essa construção identitária.

Nossa análise terá como foco, investigar representações identitárias sob a ótica da literatura nacional, e, em seguida, estabelecer uma comparação dos elementos psíquicos da nossa literatura, sob o escrutínio de um clássico da literatura universal – Frankenstein de Mary Shelley - em uma abordagem de metaliteratura. Assim, o nosso principal objetivo é compreender nossas especificidades psicossociais com base no

estudo dessas obras que apresentam de forma categórica singularidades de nossa gênese como sociedade.

A Consciência Lendária-Identitária é um conceito estribado na consciência coletiva que os povos constroem sobre si mesmos, ao longo de seu itinerário histórico, e como eles se percebem e se constituem em suas respectivas sociedades.

7

Para uma maior compreensão, é necessário dizer que as sociedades estruturam lendas que narram e consolidam a forma como suas populações se percebem no mundo. Essas lendas são, por sua vez, reproduzidas através das diversas e possíveis manifestações artísticas - literárias, cênicas, plásticas, escultóricas e arquitetônicas - que depois são absorvidas e reproduzidas novamente.

Nesse processo de produção – absorção – transmissão é que as lendas e, por consequência, as identidades são fundidas, construídas e reconstruídas de forma constante e se consolida de modo difuso na sociedade, e desse processo que é reproduzido diversas vezes, ao longo do tempo, surge a consciência coletiva que é a base do nosso conceito de Consciência Lendária-Identitária.

A literatura é talvez a forma mais completa de formação da Consciência Lendária-Identitária de um povo, pois estabelece como cada sociedade se estrutura e age, ela desempenha um papel extraordinário na composição imagética das culturas.

As artes em geral e, em particular a literatura - seja ela escrita ou no formato de roteiros no audiovisual – produzem componentes que entendemos de fundamental importância para esse processo de construção identitária; portanto, não faremos distinção entre os dois formatos, em nossa investigação e análise.

Os aspectos culturais e identitários presentes na confecção dessas formas de literatura travam um diálogo permanente e atemporal com a sociedade e são insubstituíveis em uma interpretação psicossocial da cultura, que é o fundamento de nosso ensaio.

As duas formas de literatura, a escrita e a audiovisual (Roteiro). São ferramentas poderosas de percepção e de sondagem da realidade histórica e social. Funcionam como catalisadores dos acontecimentos e, especialmente, das mentalidades e

vicissitudes das épocas em que são confeccionadas e apresentadas para a sociedade. Representam e expressam o que a cultura daquele momento oferece aos que a produzem e a absorvem.

No estudo, faremos uma verificação de como dois clássicos de nossa literatura foram marcadores da consolidação de duas formas distintas de perceber e construir realidades em nosso país. Estas duas configurações de pensamento, mentalidade e identidade estão presentes em nossa sociedade e dividem, até os dias atuais, aspectos distintos de comportamento que assinalam a todos nós brasileiros.

Para uma compreensão melhor desse processo, utilizaremos o conceito de Consciência Lendária-Identitária aplicado ao estudo dessas obras. Para tanto, faremos uma análise minudente e percuciente de dois momentos marcantes de nossa história política e social e as duas obras literárias que apontam esses momentos e expressam sua complexidade e abrangência.

Iniciaremos nossa análise pelo livro “Memórias de um Sargento de Milícias” com seu contexto histórico, artístico e identitário que formou e consolidou uma determinada concepção de mundo, de sociedade e de política. Após analisaremos o livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” dentro dos mesmos contextos e como essas obras sinalizam consolidações e rupturas nas duas Consciências Lendárias-Identitárias que perpassam toda a nossa sociedade e são sublinhadores de nossa estrutura social, com as suas concepções que perduram ao longo do tempo.

No desenvolvimento de nossa investigação, utilizaremos as três obras alhures citadas para construir uma linha de raciocínio intelectual entre as narrativas e os momentos históricos e sociais que eles representam.

Concluiremos nossa análise interpretativa em uma projeção teleológica dos caminhos de nossa sociedade e das nossas identidades coletivas; em um contraponto desses aspectos sociais que nos configuraram ao longo de nossa história e cultura.

Dentro dessa perspectiva, realizaremos uma interpretação do filme de Kleber Mendonça Filho “O Agente Secreto” em um viés de avaliação teleológica que sintetiza essas duas concepções de mundo – na sociedade brasileira sem memória e que não

reconhecer seus conflitos identitários –, em um contexto de permanências e rupturas que caracterizaram a nossa trajetória histórica, social, cultural e política do século XIX ao XXI. Tendo no filme o fechamento e a condensação desse estudo antropológico, sociológico, político, histórico e psicossocial; sobre a realidade brasileira.

Fundamentação

No estudo que desenvolveremos, neste ensaio, o lugar de fala dos autores Manuel Antônio de Almeida e Afonso Henriques de Lima Barreto, são fundamentais para entendermos os contextos socioculturais que eles representam e expressam em suas obras.

O lugar de fala diz muito de quem escreve e representa nas artes e na literatura, é o lugar de cada um na sociedade. Esse lugar cria uma percepção psicossocial de si e de seu conjunto social, pois ali não está apenas o eu, mas, sim, o nós coletivo que é transmitido para a obra expressando um momento histórico e, também, um segmento social que ganha voz a partir do artista/escritor. Além disso, os consumidores dessas obras e das ideias e valores contidos na literatura produzida, são agentes ativos do lugar de fala. Ou seja, é uma voz coletiva que se apresenta e espraia por toda a sociedade. Portanto, o lugar de fala é fundamental para entendermos as obras desses dois gênios de nossa literatura.

Para além do lugar de fala, entendemos que as duas personagens centrais das tramas de “Memórias de um Sargento de Milícias” e “Triste Fim de Policarpo Quaresma,” respectivamente Leonardo e Policarpo Quaresma, são, sem dúvida, alter egos de seus autores e determinam um pouco de suas trajetórias em nossa sociedade, em suas próprias épocas.

Entender esse processo é essencial para a compreensão dos seus impactos na formação da identidade brasileira, em épocas distintas e contextos e segmentos sociais diversos, ao longo do tempo histórico, social e político do Brasil.

Esses dois autores estavam completamente imersos em seus universos sociais, nos conflitos culturais de seu tempo, e romperam a tibieza presente em seus contextos socioculturais.

Esses mesmos autores, estavam mergulhados nas suas formações identitárias, e nos momentos históricos que as geraram, sendo disseminadores dessas construções psicossociais que resultaram na consolidação de duas Consciências Lendárias-Identitárias no Brasil.

Estudarmos essas manifestações à luz do Conceito de Consciência Lendária-Identitária nos permite ter um panorama de nossas idiossincrasias e ambiguidades sociais que afetam o nosso presente.

O Brasil é fruto de uma sociedade mestiça que não se aceita como tal, com profundas contradições identitárias que se sobrepõem em camadas comunicantes que se opõem, enquanto que concomitantemente, apresentam conflitos e aderências que se confundem e cria ambivalências em seus atores sociais e intelectuais, que se esforçam em compreender sua enorme diversidade e complexidade.

Nesse sentido, vem à lume nossa literatura, com seus agentes sociais e intelectuais, capazes de nos oferecer respostas robustas, calcada nas experiências e sentimentos de nosso povo em seus diversos segmentos sociais. É nessa perspectiva que vamos analisar o legado de Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto. No entanto, para que essa compreensão, seja escoreita, temos que entender como o conceito de Consciência Lendária-Identitária, atuou nessas duas expressões literárias.

Para que possamos absorver toda a complexidade desse conceito, vamos recorrer ao estudo individual desses dois autores e de suas respectivas obras, ampliando a compreensão de todo o processo.

Memórias de Um Sargento de Milícias

O livro “Memórias de Um Sargento de Milícias” escrito e publicado em 1852, no apogeu do Segundo Reinado, representa a voz dos portugueses e de seus descendentes que aportaram em terras brasileiras juntos com a Família Real

Portuguesa, com a transferência da Corte (Governo) portuguesa para o Brasil em 1808.

Manuel Antônio de Almeida, autor de “Memórias de Um Sargento de Milícias” como seu alter ego Leonardo e personagem central da trama, são filhos de portugueses que vieram para o Brasil, na grande fuga dos portugueses das tropas imperiais de Napoleão Bonaparte.

11

Os portugueses que vieram para o Brasil, nesse momento histórico, vieram com toda a sua concepção de mundo e seus valores atrelados a esse novo grupo social que se formou em terras brasileiras e foi extremamente marcante na história do Brasil e de sua consolidação como nação independente. Porém, suas identidades e sua psique social estavam conectadas, ligadas ou derivadas do português colonizador, existindo, inclusive, nesse período, o poderoso e influente Partido Português que defendia os interesses desse agrupamento social na política brasileira.

O livro de Manuel Antônio de Almeida estabelece bem essa relação de dependência e de contemplação com os valores do colonizador, quando opta por uma frase para abrir o enredo do seu livro que enaltece o Rei e seu Império Colonial. A frase é: “Era no tempo do rei.”, demonstrando um saudosismo e uma valoração do Reino português e de seu Império Ultramarino, com o objetivo de destacar o valor de sua gente dentro da sociedade brasileira da época.

Manuel Antônio de Almeida era, portanto, um porta voz desse grupo e de suas visões de mundo; um mundo colonizado pela benesse dos portugueses e que a eles deveria servir. Seu lugar de fala é a do colonizador que vê a colônia e sua gente como sua propriedade por direito. Não à toa as personagens principais do livro são Leonardo e o Major Vidigal (O Major Vidigal da ficção correspondia a Miguel Nunes Vidigal, nascido em 1755 em Angra dos Reis e falecido em 1843 na cidade Rio de Janeiro) - Personagem real que foi nomeado por Dom João VI para colocar sob as ordens do monarca a Colônia e sua gente inculta e selvagem - personagens estas, que representam como os colonizadores enxergavam de fato os colonizados (brasileiros).

Manuel Antônio de Almeida, em seu livro, assim descreve o Major Vidigal: “(...) foi durante muitos anos, mais que o chefe, o dono da polícia colonial (...) habilíssimo nas diligências, perverso e ditatorial nos castigos, era o horror das classes desprotegidas do Rio de Janeiro”. O Vidigal era, desse modo, um membro do poder estatal, que tinha por objetivo, manter a população sem posses e direitos formais, sob o controle absoluto do Estado. Combater e reprimir as festividades e as manifestações religiosas praticadas pela população de origem africana. Desta maneira, ele fazia a contenção entre a elite e o povo menor, inculto, pobre e desprezível da Colônia.

O alter ego de Manuel Antônio de Almeida, a personagem Leonardo, até se encanta pelos colonizados e sua vida livre e descompromissada, na figura de Vidinha uma mestiça que encanta Leonardo, personagem central do enredo. Todavia, o Major Vidigal termina por conseguir enquadrá-lo, na ordem de seus iguais, e o faz voltar para o casamento com Luisinha, uma descendente de portugueses e herdeira. Na sequência, faz com que Leonardo seja inserido na Milícia Imperial como Sargento. Ou seja, a ordem colonizadora vence a barbárie do colonizado.

O lugar de fala do autor do livro, “Memórias de Um Sargento de Milícias,” é clara, em determinar uma evidente distinção entre os dois grupos sociais e seus papéis naquela sociedade hierarquizada, preconceituosa e desigual. O colonizador é sempre o agente social da ordem e da estrutura política que sustenta aquela sociedade, é a parte boa e legítima daquele corpo social, é o seu sustentáculo, e, portanto, seu bem maior.

A história do Brasil é repleta de reviravoltas e ironias. A história de Miguel Nunes Vidigal é um exemplo desses processos históricos onde os resultados sempre nos surpreendem.

O Major Vidigal recebeu as terras, onde atualmente se localiza o Morro do Vidigal, lugar de referência artística e turística, da cidade do Rio de Janeiro, de monges beneditinos, por volta de 1820, pelos serviços prestados na repressão as religiões e festividades de origem africana.

A Chácara do Vidigal, como era conhecida na década dos quarenta do século XX, transformou-se em uma favela e, posteriormente, urbanizada, tornou-se um reduto

icônico da cultura popular e de matriz africana. Cultura esta que o Major Vidigal, em vida, tanto combateu.

O nome Vidigal é atualmente associado à cultura da população mestiça do Rio de Janeiro e do Brasil; sendo um emblema, um crivo da cultural da população perseguida e discriminada ao longo de séculos no nosso país.

13

Triste Fim de Policarpo Quaresma

A literatura de Afonso Henriques de Lima Barreto, em sua gênese, é um libelo sobre a realidade social e identitária de um país republicano que não conseguiu se libertar de suas amarras coloniais.

O livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” é uma obra emblemática, que traz à superfície toda a complexidade de uma sociedade subjugada em sua alma e essência. Nesta obra, Lima Barreto apresenta a história de Policarpo Quaresma, um funcionário público exemplar, patriota e nacionalista positivista que quer o bem do Brasil e de sua população durante os primeiros anos da República; no final do XIX.

Policarpo Quaresma é uma personagem que representa a população miscigenada que conseguiu uma pequena ascensão social durante o Brasil Império e via na República a sua redenção como classe social. Não obstante, os responsáveis pelo Golpe de Estado militar que criou a República, nada mais eram em suas ações que um Major Vidigal redimensionado, especialmente o Marechal Floriano Peixoto.

Em “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, a personagem que nomeia o livro era positivista, como Floriano Peixoto, e via nessa figura histórica, e ao mesmo tempo ficcional, a síntese das aspirações da população e dos objetivos da República, sem, contudo, compreender a real natureza do momento histórico.

O positivismo (Filosofia do século XIX, fundada por Auguste Comte, que privilegiava o conhecimento científico em detrimento das outras formas de conhecimento com o objetivo de aperfeiçoar e normatizar a sociedade) do qual o lema ordem e progresso estampa a nossa bandeira; foi marcante no início da nossa República e foi a grande corrente de pensamento que influenciou os principais políticos do período, sem, com

isso, lhes retirar os traços autoritários e discriminatórios que classificaram o Império e o sistema escravista que lhe deu sustentação.

No Brasil a adaptação do positivismo de Comte, se deu de forma a adequar a filosofia aos valores da sociedade, em que tudo está dividido e estruturado sob o manto do privilégio. Em outros termos, na República fundada pelos positivistas brasileiros, a cidadania e o progresso eram para a elite econômica e social e a ordem para o povo sem posses ou cultura europeia.

14

A ordem social dos positivistas não diferia da ordem estabelecida no Brasil colônia e Império - pelos portugueses e pela Família Real, na transferência da Corte (Governo) para o Brasil - como tão bem descreveu Manuel Antônio de Almeida em “Memórias de Um Sargento de Milícias”, na frase: ‘Era no Tempo do Rei’. Na República, ainda, era o tempo do Rei. Só que agora, representado e incorporado por uma classe social, as oligarquias locais e nacionais.

A frase “O Brasil não tem povo, tem público.” Icônica na obra de Lima Barreto, e, sobretudo, em “Triste Fim de Policarpo Quaresma;” resume, condensa e sobressai as questões centrais em discussão no enredo dessa sensacional literatura brasileira. Essa frase demonstra inequivocamente, como a República e o sistema político da época enxergava seu povo. Assim, esta frase expõe o que estava à vista de todos, mas que ninguém percebia de forma explícita, que era: a total desvinculação da identidade das elites da República com seu povo.

A personagem Policarpo Quaresma, confundia suas características, até um certo ponto, com Lima Barreto. Ambos eram funcionários públicos, entendiam a cultura e o conhecimento científico como essenciais para o desenvolvimento da sociedade, estavam muito interessados nos valores nacionais e eram contra os estrangeirismos que tomavam conta da sociedade republicana do início do século XX.

Lima Barreto vinha de uma família onde seus pais eram representantes de uma classe média urbana, miscigenada e livre, descendentes de escravizados. Seu pai era filho de uma escravizada com um madeireiro português e sua mãe era livre, mas filha de uma escravizada.

A sua família era de uma classe média urbana. Seu pai exercia a profissão de tipógrafo e sua mãe foi agregada (Protegida) de uma família rica do Rio de Janeiro, os Pereira de Carvalho. Por isso, foi bem educada e possuía uma cultura sofisticada e formação esmerada. Sua mãe trabalhava como professora.

Lima Barreto teve acesso a uma boa educação e formação, cursando engenharia até o terceiro ano. Seu pai era monarquista e guardava relações com o Visconde de Ouro Preto, último presidente do gabinete de ministros do Império. O Visconde era padrinho de Lima Barreto.

Apesar da boa formação e das relações com pessoas de influência, a vida de um mestiço letrado na cidade do Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX, não era nada fácil. Isto posto, a vida de Lima Barreto foi cheia de percalços e entraves. Como funcionário público teve sua ascensão funcional prejudicada pela sua origem racial e social, enfrentando as mesmas dificuldades como jornalista e escritor.

Lima Barreto não conseguia esconder sua decepção com a República recém criada e os rumos que a sociedade brasileira assumia no século XX. As estruturas sociais do Brasil escravista do Império persistiam e perduravam na República, e de certo modo, até foram acentuados. As ideias positivistas no Brasil não se distanciavam muito das ideias da elite escravista do Império.

Policarpo Quaresma, personagem que guardava com o autor a condição de alter ego, vislumbrava na República um caminho de progresso, que com o tempo mostrou-se inviável para maior parte da população. As esperanças no futuro, que a personagem nutria com a República e com seu principal líder, Floriano Peixoto, foram se esvaindo ao longo da trama do livro e se transformando em frustração.

No livro, Policarpo Quaresma apoia a República e os positivistas, mas com o passar do tempo, começa a se questionar. Acreditava que Floriano Peixoto seria o líder redentor dos princípios positivistas e dos caminhos do novo regime, ou seja: a República para a política e a consequente cidadania para todos os brasileiros. Para isso, alista-se para lutar por Floriano durante a Revolta da Armada. Entretanto, diante do testemunho de diversas atrocidades e da submissão do governo aos interesses

dos Estados Unidos, percebe que Floriano e a República que ele representava, era na realidade uma tirania disfarçada de democracia, e, portanto, a partir daí passa a denunciar suas arbitrariedades. É, então, acusado de traição e preso.

A partir desse momento, Policarpo Quaresma, passa a compreender que a verdadeira pátria e os verdadeiros heróis da República estão no povo, miscigenado, alegre, pobre e trabalhador e não nos positivistas, que na realidade, defendiam os interesses da elite e dos poderosos.

Os positivistas ao fim e ao cabo, nada mais faziam se não reproduzir as injustiças do Império. Como um herói trágico, Policarpo Quaresma é condenado por traição e fuzilado. Morto pela República, sem participação popular e cidadania, que ele tanto patrocinou e defendeu.

“Triste Fim de Policarpo Quaresma” expressa e representa o surgimento de uma segunda Consciência Lendária-Identitária no Brasil que é a consciência de identidade da população brasileira, com suas singularidades, e também com suas idiossincrasias e vicissitudes, próprias de um povo mesclado étnica e culturalmente, que só seriam reconhecidas em definitivo na “Semana de Arte Moderna de 1922.” Ironicamente, ano da morte de Lima Barreto.

No texto de Lima Barreto, fica evidenciado, o lugar de fala do autor e de seu segmento social, de uma população parda e de classe média, que apesar de ter acesso à educação e bens culturais, jamais faria parte daquela elite econômica e política que detinha o poder e os mecanismos de controle social. Esta elite que detinha o poder, discriminava e rejeitava aquela população, que a seus olhos, não poderiam ser iguais e, conseqüentemente, não eram cidadãos.

Nesta obra clássica, Lima Barreto explicita o surgimento de uma elite brasileira colonizada, com valores que vêm de outras culturas e exógenos ao Brasil. Uma elite que rejeita seu povo, submetendo-se a tudo que vem de fora, com complexo de superioridade em relação a sua população, mas com dependência daquilo que é externo, alheio a sua cultura e cativa de uma psicogênese social externa à sua própria.

Além disso, essa elite sofre com forte sentimento de inferioridade em relação ao estrangeiro e aos valores que são importados; rejeitando suas tradições e, de certa forma, a si próprios, sendo reféns de uma Consciência Lendária-Identitária que não é sua, mas que essa elite incorpora e defende como se fosse seus valores originais. Uma elite que é contrária a si e a seu povo, sistematizada e reafirmada no livro pela frase: “O Brasil não tem povo, tem público.”

Nessa ficção, que retrata tão bem o Brasil, torna-se claro o surgimento e o conflito estabelecido, entre duas visões de mundo distintas, e de certo modo, antagônicas. Essas visões de mundo, deram origem a duas Consciências Lendárias-Identitárias no Brasil, uma da elite e outra do povo. Essa separação identitária, permanece em um conflito atemporal e presente em nossa sociedade.

A dialética entre as duas Consciências Lendárias-Identitárias do Brasil à luz da obra Frankenstein de Mary Shelley

A obra gótica de Mary Shelley é um clássico da literatura universal e traz em si diversos significados e interpretações possíveis em relação a várias áreas do conhecimento. Dessa forma, abordaremos o romance de Shelley nos seus aspectos psíquicos, antropológicos, sociais e culturais com vistas a entender a estrutura da sociedade brasileira aos olhos da nossa literatura.

Nesse contexto, vamos utilizar uma obra literária para arguir temas implícitos em outras duas obras literárias, com a intenção de uma verificação mais detida de aspectos antropológicos e sociais subjacentes às percepções dos autores desses trabalhos.

Nesta argumentação, utilizaremos esse clássico como base interpretativa de outras duas obras literárias brasileiras – Memórias de Um Sargento de Milícias e Triste Fim de Policarpo Quaresma - na perspectiva da dialética intrínseca entre criador e criatura, presente em Frankenstein de Mary Shelley, para explicar as ambiguidades da sociedade brasileira relatada nos dois clássicos da nossa literatura.

Nesse estudo interpretativo - com fulcro na metaliteratura - faremos um mergulho nas possibilidades de exegese do contexto social do Brasil, através da investigação de

nossa literatura marcada e inseridas nas conjunturas históricas a que pertenciam. Pretendemos, com isso, aflorar uma auto compreensão da estrutura psicossocial que formou as bases da identidade nacional e do nosso entendimento de povo brasileiro. Para isso, utilizaremos desse processo para tentar explicar como o nosso modo sistêmico de sociedade se comporta e para entender e ouvir as vozes ocultas das mentalidades que nos formaram como nação.

A obra de Manuel Antônio de Almeida circunscrita pelo Império e por uma visão do colonizador, representava e representa uma visão exógena do Brasil real.

A obra de Lima Barreto demarcada pela República e por uma visão do colonizado, representava e representa uma visão endógena de Brasil subordinada à visão exógena do país.

O processo dialético se dá em “Memórias de Um Sargento de Milícias”, quando o colonizador cria com suas ambiguidades e peculiaridades a Consciência Lendária-Identitária do povo colonizado e mestiço do Brasil. Nessa relação, esse povo miscigenado, possui a capacidade de ressignificar sua própria história e cultura e cria algo novo, original e típico. Mas que não consegue se desatrelar dos valores de seu criador – o colonizador.

A miscigenação é para o colonizador algo que o atrai e afasta em uma relação de simbiose, de identificação e repulsa, mas que traz, também, forte interação. Mormente, esse processo dialético entre criador e criatura é marcado pelo menoscabo e a aversão que transforma o processo dialético em algo aterrador - em um jogo de espelhamento e rejeição - como na icônica obra de Mary Shelley.

Na obra de Shelley, o cientista Victor Frankenstein cria um ser que é a junção de vários seres humanos, que em sua ótica, seria a redenção da humanidade e a vitória dos humanos sobre a morte. Ao se deparar com a realidade de seu feito, se desespera por reconhecer na criatura tudo de fantástico e de horrível que ele representa, em relação ao seu olhar sobre o outro e também de espelhamento, incompreensão e rejeição. Na sua visão, a criatura é uma reprodução deformada de seu caráter original.

Nesse cenário, o mesmo ocorre no Brasil em relação ao colonizador (criador) e o povo mesclado étnica e culturalmente que ele criou (criatura). Um povo composto de vários povos, inclusive do próprio colonizador, que ele mesmo reconhece como algo inusitado, singular, atípico e aterrador em uma relação de cumplicidade, de identificação e repulsa, de atração e objeção em um oxímoro sociocultural incompleto e perverso.

Na outra ponta, a criatura – o povo brasileiro – esse povo mestiço e conflituoso (determinado em sua gênese por trezentos anos de escravização), em suas contradições, sente da mesma forma, as angústias do criador, em sua dimensão existencial. Não se compreende completamente, e, expressa e reproduz as ambiguidades de seu criador em uma relação dialética e perversa que nunca chega a uma síntese existencial e identitária que possa representar e manifestar a sua real natureza. Essas contradições estão presentes na obra de Lima Barreto “Triste Fim de Policarpo Quaresma” – o colonizado.

O povo brasileiro possui uma incrível capacidade de adaptar-se, ressignificar e reestruturar valores, conceitos e estruturas exógenas, aos seus valores, conceitos e estruturas próprias, acomodando-as as suas necessidades e objetivos. Contudo, essa acomodação não se dá de forma a satisfazer por completo sua estrutura psicossocial, ao contrário, é um processo de grande angústia e conflito. Pois o faz, com a visão do colonizador, do estrangeiro, do externo em detrimento do interno. Em outras palavras, o faz com culpa e com rejeição de si mesmo e de suas características socioculturais.

Nessa ambiguidade social e identitária está o conflito dialético de nosso povo, da mesma forma que se dá com a criatura da sensacional história de Mary Shelley, “Frankenstein; ou O Prometeu Moderno”. Essa ambiguidade só terminará, quando as nossas questões identitárias estiverem resolvidas, ou seja, quando a criatura extirpar de sua visão psicossocial, a presença nefasta da visão do colonizador que o assombra e o espelha com preconceitos, discriminação e sentimento de inferioridade.

A inferioridade intrínseca aos procedimentos de rejeição social - nosso complexo de vira-lata como descreveu tão bem Nelson Rodrigues – torna-se a essência do processo de dominação e submissão que assola a cultura brasileira, em todos os seus

aspectos, desde da elite com o seu povo, até o da elite com o estrangeiro, com o que vem de fora, submetendo-se docilmente a valores que não são os seus e rejeitando os próprios valores e sentimentos.

A construção de uma única Consciência Lendária-Identitária é o antídoto para as nossas ambiguidades e as nossas mazelas sociais e políticas, uma vez que ela é a base de nossas desigualdades sociais e culturais.

20

A metáfora gótica e existencial de Shelley, transmuta de forma precisa os dilemas e contrastes presentes em “Memórias de Um Sargento de Milícias” e “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, obras que simbolizam os dois aspectos essenciais de nossas inconsistências identitárias e nossa psicogênese sociocultural.

As obras de Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto, traduzem toda a complexidade em que nossas relações sociais foram construídas, e quais suas reais possibilidades de tradução em um ambiente de construção de identidade nacional.

Oswald de Andrade, em seu ensaio, “Manifesto Antropófago,” construiu o conceito de “Antropofagia Cultural” que pode nos dar uma pista dessa abordagem interpretativa, visto que sua análise foca na capacidade do povo brasileiro de deglutir a cultura estrangeira e transformá-la em algo próprio e nacional.

Nessa perspectiva, as literaturas de Manuel Antônio de Almeida e Lima Barreto, respectivamente, abordam essas duas possibilidades de “Antropofagia Cultural”: em “Memórias de Um Sargento de Milícias” o vínculo está na cultura e nos valores estrangeiros, enquanto que em “Triste Fim de Policarpo Quaresma” o vínculo está na cultura e nos valores nacionais.

As duas representações literárias, processam uma “Antropofagia Cultural”: a primeira tenta devorar e destruir a cultura popular para impor a sua própria de colonizador, enquanto que a segunda absorve e ressignifica à cultura do colonizador aos seus próprios moldes, valores e experiências existenciais, revelando no Brasil uma sociedade ambivalente que permeia toda a nossa formação.

As duas obras, analisadas e escrutinadas à luz do romance de Mary Shelley, revelam o grande dilema que enfrentamos ao longo de nossa história e trajetória política. SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.5-31, jan./jun.2026

Trajetória esta, que percorreu e percorre três séculos, do XIX ao XXI, sem que tenhamos resolvido a nossa maior dubiedade como sociedade, que são nossas questões identitárias.

A Consciência Lendária-Identitária e aspectos da obra Macunaíma expressas no filme O Agente Secreto de Kleber Mendonça Filho

A arte é responsável por construir o que chamamos de Consciência Lendária-Identitária que é a forma concreta do poder da arte exercido sobre a população de um país e de uma sociedade. Outrossim, esse poder se converte em comportamento psíquico e ação política, que por sua vez, se transforma em “Objetivo de Estado”. Em outras palavras, as artes movimentam o pensamento humano em dada direção, e se traduz, com o passar do tempo, em Política de Estado, e, consequentemente em seu objetivo, seja para o bem ou para o mal.

A arte foi o motor simbólico e psicossocial das revoluções Burguesas: Inglesa, Industrial, Americana, Francesa e, também, da Revolução Russa. A arte e suas consequências políticas são a expressão e materialização da Consciência Lendária-Identitária, aplicada ao poder e suas interações sociais. Toda essa abrangência, coloca a atividade artística em um papel central e de destaque na sociedade de massas, ainda mais, em uma sociedade com relações determinadas por Redes Sociais atreladas ao interesse econômico.

Todo esse poder, presente na Consciência Lendária-Identitária, se bem trabalhado, constrói nações. Se mal trabalhado, esgarça o tecido social e destrói nações, povos e até impérios. A força da Consciência Lendária-Identitária é tal, que podemos dizer que ela foi a base de construção dos impérios que existiram através da história. Portanto, tratar desse tema, é tratar da realidade social, cultural e política de nosso país e de nossa época.

O filme de Kleber Mendonça Filho traz a Consciência Lendária-Identitária para o centro da mesa e da discussão sobre que país queremos para as próximas gerações. SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.5-31, jan./jun.2026

“O Agente Secreto” é um filme instigante e nada previsível. Possui uma história e um enredo que não entrega nada pronto ao espectador, ao contrário, o provoca a pensar, perguntar e intuir.

Como é uma obra audiovisual que nos leva a análise e a reflexão, deixa várias questões em aberto, e, nos força, a uma especulação investigativa, nas diversas possibilidades de entendimento e interpretação das relações sociais que subjazem a trama do filme.

O filme é um convite à análise das diversas cogitações psicológicas e psicossociais que nos permite compreender as nossas mazelas e singularidades, em especial, as nossas questões identitárias.

O exame que iremos desenvolver sobre esse fantástico filme – que é uma análise sociológica e antropológica da sociedade brasileira – levará em conta os significados das personagens mais importantes do argumento e do roteiro do filme, como vozes potentes dos papéis sociais e históricos que elas representam para o entendimento da sociedade brasileira de uma forma atemporal – sendo esse universo atemporal mais uma das dimensões do filme –, pois ele não está circunscrito ao Brasil da década dos setenta do século XX, ao invés disso, traça um panorama da nossa história em uma perspectiva teleológica permanente, sem início nem fim, sem ascendência nem descendência, sem causa nem consequência, dando uma narrativa continua da nossa história social, cultural e política em permanente repetição.

A complexidade narrativa do filme que mostra as realidades que todos nós sabemos verdadeiras, mas sem determinar uma conclusão definitiva ao enredo, torna cada personagem um universo em si e transforma a análise em uma imersão que representa as nossas complexidades idiossincráticas.

O filme de Mendonça, de certo modo, reúne todas as visões e prospecções possíveis apresentadas na obra de Lima Barreto, em uma projeção de longo prazo ou de longa duração, fazendo um apanhado das estruturas sociais e das mentalidades construídas e difundidas no Brasil de antes e contemporâneo.

Nesse viés, vamos interpretar cada personagem escolhido para a nossa análise, sob a ótica das suas identidades sociais, e na sequência, dessas identidades no contexto da Consciência Lendária-Identitária, que transforma essas identidades aparentemente difusas, em um arranjo social que liga todos os comportamentos psicossociais em relações de poder na sociedade brasileira.

No livro *Macunaíma*, Mário de Andrade, seu autor, descreve o gigante Piaimã, como um gigante indígena, comedor de gente, que fugiu para São Paulo e vivia escondido, disfarçado como um homem branco e capitalista, um peruano, chamado Venceslau Pietro Pietra. Esse gigante havia roubado o Muiraquitã (Pedra Mágica) que guardava o conhecimento, a memória e a cultura da tribo de Macunaíma (Personagem Principal da Trama).

O enredo de *Macunaíma* gira em torno da disputa de Macunaíma com o Gigante Piaimã e a recuperação do Muiraquitã para a redenção de Macunaíma e seu povo. Essa lenda indígena e amazônica, é utilizada por Mário de Andrade para descrever o Brasil e sua trajetória histórica.

Piaimã, o gigante comedor de gente, representa bem, a nossa elite que rejeita e oprime seu próprio povo e defende e acolhe valores externos, contra os seus próprios valores, como se os valores estrangeiros fossem valores originais de sua cultura e história, ao mesmo tempo, vive uma profunda crise de reconhecimento e identidade.

Macunaíma, por sua vez, é uma representação, tanto idílica, como sofrida, do povo brasileiro com seus defeitos e virtudes; mas, sobretudo, representando as incríveis singularidades e ambiguidades dos brasileiros.

O Muiraquitã, uma pedra mágica, dada à Macunaíma por Ci à mãe do mato, é uma representação simbólica de nossas origens e cultura, sendo o seu resgate, na história, um resgate das nossas origens, de nossos valores, de nossas crenças, e, portanto, da nossa real cultura. Ou seja, a nossa verdadeira identidade como povo e, principalmente, de nação única no mundo.

Nessa relação triangular entre Piaimã (elite), Macunaíma (povo) e Muiraquitã (Identidade), está toda a complexidade psicossocial dos brasileiros e os nossos

dilemas políticos como Estado/Nação. Esses dilemas contaminam toda a nossa trajetória histórica.

Kleber Mendonça Filho colocou tudo isso no seu espetacular filme “O Agente Secreto,” sendo no nosso entendimento, uma leitura extremamente abrangente das nossas contradições existenciais como nação.

24

O filme guarda muito da obra “Macunaíma” e de “Triste Fim de Policarpo Quaresma,” sendo, na nossa compreensão, uma síntese dessas duas obras, traduzidas para o audiovisual. Entretanto, nesta análise, vamos ficar restritos a este recorte interpretativo da triangulação entre elite, povo e identidade, presentes nas obras de Mário de Andrade e Lima Barreto. Desta feita, faremos uma abordagem em relação as personagens do filme que explicam o enredo, sob esta ótica.

O Delegado Euclides

O Delegado Euclides uma das personagens mais icônicas do filme de Kleber Mendonça Filho, é uma mescla de Major Vidigal de Memórias de Um Sargento de Milícias e Piaimã da obra Macunaíma de Mário de Andrade. Ele representa várias personagens reais e recorrentes da história do Brasil. Essa personagem – é uma materialização da Consciência Lendária-Identitária do colonizador absorvida por uma semi-elite do país que é usada para sufocar o seu próprio povo e negar a sua origem.

A personagem encarna o que há de pior em nosso país, que é uma crise de identidade profunda, que na nossa psicologia social se traduz em um espelhamento reverso e controverso de nossos papéis sociais e nossa compreensão psicossocial distorcida das nossas identidades coletivas. É uma interação ambígua entre opressor e oprimido em uma mesma pessoa e classe social, que se complementam de forma desastrosa, sem que ela se dê conta disso, com um entendimento distorcido de si e de sua realidade sociocultural. Se vê como algo que não o é.

Essa personagem age como o gigante Piaimã (A perna humana encontrada dentro de um tubarão é uma metáfora/alusão a essa personagem mítica da nossa literatura que perseguia e devorava sua própria gente) atuando como justiceiro durante o carnaval eliminando as pessoas que ele considerava sem importância e nocivos

(negros e mestiços pobres), com desprezo por sua origem, se enxerga como um branco europeu e superior a sua gente, mas com enorme complexo de inferioridade em relação ao estrangeiro (europeu) que sabe não ser seu igual.

O Delegado, na história de Mendonça, é pai de dois filhos, um branco e um preto adotivo. Durante o desenrolar da história as tarefas perigosas e consideradas desprezíveis e menores, eram sempre reservadas ao filho preto e adotivo, e as atividades mais elevadas e pouco perigosas ao filho branco.

Fica evidente e demonstrado a psiquê do Delegado Euclides. As suas escolhas esclarecem como ele se via e como enxergava cada um de seus filhos e o lugar social e afetivo de ambos. Como no livro de Shelley, os filhos, espelham aquilo que ele valoriza e despreza em si próprio, como homem mestiço que não se aceita como tal.

No filme o Delegado Euclides é uma representação figurada de personagens históricas reais que exerceram um papel repressor, discriminatório e de contenção da população miscigenada e pobre do país, desprovida de cidadania, em épocas distintas da nossa história; segregando a população ao arbítrio dos poderosos.

O Delegado Euclides, como é perceptível, é uma representação imagética, de personagens reais que sempre foram os opressores de nossa população, em nome de uma elite mestiça colonizada e submissa aos valores que os colonizadores a ela legaram, sendo, posteriormente, assimilados e reproduzidos de forma cruel e perversa contra a população do Brasil.

A personagem Euclides também faz a interface com uma outra elite brasileira, a descendente de europeus, totalmente vinculada ao externo, ao estrangeiro, internacionalizada e representante desses interesses no Brasil – Essa elite representada no filme por Henrique Ghirotti, o empresário paulista, entreguista e porta voz dos interesses americanos no Brasil, que contrata os assassinos para eliminar Marcelo/Armando. Essa elite internacionalizada, atua para manipular a semi-elite submissa e com complexo de inferioridade (Como os portugueses fizeram com a elite local na época da independência, com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil).

Assim como, o Delegado Euclides o faz no filme de Mendonça, deixando-se manipular com enorme satisfação.

Euclides é a personagem mais bem acabada do filme, sua construção é perfeita, demonstrando de forma definitiva a alma torturada, ambígua, incompleta, incerta, e de certa forma, subjugada, das elites médias do Brasil, em um país com graves conflitos de interesses, sobretudo, identitários.

26

Pesquisadora Flávia

Como contraponto dessa personagem abjeta do Delegado Euclides, encontramos outra personagem fascinante no filme que é Flávia a pesquisadora que resgata uma memória, uma cultura e uma identidade apagada no tempo, que ao fim e ao cabo, é a sua própria, estabelecendo de forma inequívoca o conflito entre as duas Consciência Lendária-Identitária presente em nossa cultura e no próprio roteiro do filme.

Kleber Mendonça Filho, faz uma junção em sua obra audiovisual, de duas personagens, a Flávia pesquisadora no filme, com Ci a mãe do mato do livro Macunaíma; ambas são guardiãs da memória, da cultura e da identidade coletiva de seus respectivos grupos sociais, elas possuem o Muiraquitã (A memória viva de suas origens e consequentemente das identidades daquelas sociedades) e representam teleologicamente a preservação do que somos.

O pen drive que Flávia entrega para a personagem Fernando (Filho de Marcelo/Armando) com os fragmentos da história e da memória/origem do seu pai, é como o Muiraquitã entregue à Macunaíma por Ci a mãe do mato; são na realidade os valores, a cultura, a origem e a identidade perdida ao longo das suas trajetórias. Essas memórias são a consolidação do passado e do presente em nossa sociedade. É a busca permanente de nossa identidade coletiva através da pesquisa e da história preservada.

Marcelo/Armando

A personagem Marcelo/Armando é a sintetização da dualidade do povo brasileiro. No início do filme quando Marcelo/Armando se depara com o gato de duas cabeças ambos se olham em uma demonstração de espelhamento, as duas figuras, se

identificam dentro das suas dualidades e ambiguidades. Marcelo/Armando são duas personagens em uma; essa personagem resume as contradições identitárias do povo brasileiro.

Armando era uma elite mestiça que se julgava branca e europeia inserida no serviço público e detentora de certos privilégios até se deparar com a dura realidade identitária brasileira, quando se transmuda em Marcelo buscando suas origens e sua verdadeira identidade. Armando ao se tornar Marcelo passou pelas mesmas transformações identitárias que Policarpo Quaresma, personagem e alter ego de Lima Barreto.

Marcelo/Armando – Um Policarpo Quaresma ressignificado - representa uma parcela da sociedade brasileira que ainda não consolidou uma Consciência Lendária-Identitária e oscilam entre os dois marcos referenciais de nossos elos identitários. Essas duas personalidades, inseridas em uma única personagem, revelam a nossa complexidade e ambiguidade identitária que está no cerne de todos os nossos problemas sociais, psicossociais, políticos e econômicos.

Marcelo/Armando é Policarpo Quaresma em toda a sua dimensão, seja na defesa dos interesses nacionais contra a interferência estrangeira, seja na tentativa de valorização da pesquisa e cultura nacionais, seja pela sua conscientização e valorização das suas origens na busca pela real identidade de sua mãe e do seu autorreconhecimento como homem mestiço detentor de uma origem e cultura própria.

Fernando

A personagem Fernando, tem participações pontuais, mas essenciais no filme, carrega todo o significado estético e simbólico da narrativa, sendo fundamental para entendermos os fechamentos e as lacunas da história. Desde sua infância até a sua vida adulta.

Fernando, na fase adulta, aparece na história pelas mãos da personagem Flávia, responsável pela reconstrução da trajetória de Marcelo/Armando, encontra Fernando, a quem pretende entregar a pesquisa que realizou sobre a vida e morte de seu pai. Fernando sem demonstrar muito interesse naquela história se diz satisfeito com as referências de origem, culturais e de identidade que tem com seu avô materno, mas

recebe o pen drive com os registros e o guarda. A guarda significa a perpetuação ou a tentativa de preservação daquela memória, história e cultura perdidas, e, por óbvio, de uma identidade pessoal e coletiva que foram intencionalmente apagadas.

Fernando denota uma semelhança e singularidade típicas de Macunaíma, configurando o fechamento de uma etapa da história e a abertura de perguntas e questionamentos para o início de uma nova narrativa, sem, contudo, estabelecer respostas prontas e acabadas; essa personagem faz uma integração entre o filme de Kleber Mendonça Filho e o livro de Mário de Andrade em suas dimensões e perspectivas históricas, culturais e identitárias.

“O Agente Secreto” como uma síntese de brasilidade

No filme “O Agente Secreto” o que mais chama a nossa atenção é a composição do elenco que demonstra cabalmente a complexidade étnica e, conseqüentemente, cultural do povo brasileiro formado por uma mescla inigualável de etnias e culturas que deram face a nossa singular identidade ou identidades em construção.

O desfecho do roteiro de Mendonça, pode parecer sem muito significado, mas na realidade ele constrói o sentido do filme. Flávia e Fernando se observados como personagens em transição, são uma representação do povo brasileiro em metamorfose constante em seus valores e identidades, que são frequentemente ressignificados e reconstruídos; ou seja, é um processo inacabado que está em construção.

Em uma analogia muito minudente, podemos compará-los com Ci a mãe do mato e Macunaíma, respectivamente personagens que simbolizam o Brasil profundo e a nossa trajetória como nação. No filme Fernando se mostra como um Macunaíma que inicia sua travessia simbólica pelo labirinto da cultura e identidade nacional, quando

apenas guarda o seu Muiraquitã (Pen Drive) com os elementos constitutivos de sua origem e, por conseguinte, a identidade que ainda não reconhece como sua.

O Pen Drive, Flávia e Fernando representam um recomeço e uma eterna reconstrução de nossa memória, história e identidade, sendo vislumbrado como um possível fim da triangulação entre elite, povo e identidade; em que o Pen Drive (Muiraquitã), Flávia (Ci a mãe do mato) e Fernando (Macunaíma), tentam vencer os acobertamentos e as manipulações que as elites (Piaimã) fazem com os valores, a cultura e a real identidade do nosso povo; libertando-o em definitivo de suas amarras psicossociais e identitárias. Esse é um fechamento possível de uma narrativa interdependente entre as obras de Kleber Mendonça Filho e Mário de Andrade, entre “O Agente Secreto” e “Macunaíma.”

O filme “O Agente Secreto” é uma síntese do que somos como sociedade, pois, ainda, não nos entendemos como uma sociedade única, formada e consolidada em definitivo, estamos em constante formação e transformação, sem nos livrarmos dos nossos vínculos atávicos ao período da escravidão que nos formou por trezentos anos, aos parâmetros hierárquicos da República oligárquica e aos estertores discriminatórios de uma identidade externa - ao nosso contexto social- em uma projeção teleológica de nossa travessia histórica como país. Portanto, a obra de Kleber Mendonça Filho é um convite a uma análise, reflexão e compreensão do nosso papel enquanto nação, em que a nossa grande riqueza está em uma população miscigenada que mistura não somente as etnias, mas, sobretudo, as culturas, os valores, as percepções de mundo, e, primordialmente, as ideias e conceitos sobre o que somos enquanto povo.

Considerações finais

A República brasileira, desde seu nascedouro, não conseguiu construir uma identidade nacional que contemplasse todos os cidadãos do país – Uma Consciência Lendária-Identitária nacional - capaz de unir todos os habitantes do país e defender a sua cidadania.

O nosso sistema republicano, implantada através de um Golpe de Estado, sem a participação do povo, e com uma Constituição elaborada para manter privilégios de uma elite em detrimento da maioria da população, não logrou êxito em consolidar uma cidadania perene no Brasil.

Os princípios de uma elite desconectada de sua população, tão bem delimitada em “Memórias de Um Sargento de Milícias,” estabeleceu um comportamento de nossas elites econômicas e sociais que se estendeu até o presente, se mantendo inalterada em um espectro que atinge diversos grupos sociais, não se restringindo apenas a uma classe social, estando distribuída de forma difusa na sociedade que permeia todas as relações sociais desde o século XIX.

Em “Triste Fim de Policarpo Quaresma” esse processo é bem definido e exemplificado na medida que a República se transforma em privilégios de oligarquias regionais e nacionais, sem que o sentido público da palavra República, tenha sido de fato alcançado pela diversa e complexa população do Brasil.

Mário de Andrade em “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter” traça um panorama desse aspecto complexo e enriquecedor de nossas peculiaridades e singularidades sociais e culturais que foram, de certa forma, capitadas e reelaboradas no filme de Mendonça, em uma configuração atual e bem mais direta e inteligível para nossa realidade concreta.

Em “O Agente Secreto” as mesmas mazelas da República de Policarpo Quaresma estão presentes, trazendo seus efeitos até os nossos dias, em uma rememoração constante de um passado e uma origem que se reciclam a cada momento, sem que nossas reais virtudes como povo e nação democrática, possam de fato vir à tona e nos tornar agentes permanentes de nossa história.

Nessa obra audiovisual, o diretor conseguiu de forma intencional ou intuitiva, compilar em um único cenário as mil facetas de uma sociedade mestiça de múltiplas camadas, com inferências que afloram o grau da complexidade psicossocial da identidade brasileira, como Mary Shelley fez em seu romance gótico com a personagem de Victor Frankenstein espelhando-se em sua criatura. O filme de Kleber Mendonça Filho, é o

nosso Prometeu Moderno, no sentido que fornece uma face as nossas intrínsecas e difusas realidades culturais e identitárias.

No filme “O Agente Secreto” está presente tudo aquilo que nos trava, acovarda e nos dá coragem. O verdadeiro agente secreto da história de Mendonça, levada as telas, são as nossas questões identitárias em conflito em uma sociedade confusa e difusa em seus valores, singularidade e peculiaridades, que nos congela no tempo e na memória de uma civilização inconclusa e sem rumo, a qual todos amamos, mas que poucos de nós, entendemos e respeitamos como valor cultural e identitário.

O futuro da trajetória civilizatória de um Brasil diverso, desigual, preconceituoso, e, ao mesmo tempo, virtuoso; só poderá ser dado por todos nós ao longo de nossa trajetória social, cultural, política e identitária, a qual está em um processo de permanente construção.

Referências:

Almeida, Manuel Antônio. **Memórias de Um Sargento de Milícias**. São Paulo. Ed. Ática. 1991.

Andrade, Mário. **Macunaíma: O Herói Sem Nenhum Caráter**. Brasília. Ed. Edições Câmara. 2017.

Barreto, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo. Ed. DCI. 2013.

Flôres Alkmim, João. **Semana de Arte Moderna e a Obra Macunaíma na Construção e Consolidação da Identidade Brasileira: (ensaio)**. Scias Arte e Educação. Vol. 11. Julho de 2022. P 55-84. Doi: 10.36704/sciasart. v11i1.6539.

Mendonça Filho, Kleber. **O Agente Secreto (Roteiro)**. Rio de Janeiro. Ed. Amar Cord. 2025.

Shelley, Mary. **Frankenstein: Ou O Prometeu Moderno**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar. 2020.